



Ensino e Aprendizagem como Unidade Dialética

Kelly Cristina Campones
(Organizadora)

Kelly Cristina Campones
(Organizadora)

Ensino e Aprendizagem como Unidade Dialética

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E59	Ensino e aprendizagem como unidade dialética [recurso eletrônico] / Organizadora Kelly Cristina Campones. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Ensino e Aprendizagem como Unidade Dialética; v. 1) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-481-8 DOI 10.22533/at.ed.818191507 1. Aprendizagem. 2. Educação – Pesquisa – Brasil. I. Campones, Kelly Cristina. CDD 371.102
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O e-book intitulado como: “Ensino e Aprendizagem como Unidade Dialética”, apresenta três volumes de publicação da Atena Editora, resultante do trabalho de pesquisa de diversos autores que, “inquietos” nos seus mais diversos contextos, consideraram em suas pesquisas as circunstâncias que tornaram viável a objetivação e as especificidades das ações educacionais e suas inúmeras interfaces.

Enquanto unidade dialética vale salientar, a busca pela superação do sistema educacional por meio das pesquisas descritas, as quais em sua maioria concebem a importância que toda atividade material humana é resultante da transformação do mundo material e social. Neste sentido, para melhor compreensão optou-se pela divisão dos volumes de acordo com assunto mais aderentes entre si, apresentando em seu volume I, em seus 42 capítulos, diferentes perspectivas e problematização acerca do currículo, das práticas pedagógicas e a formação de professores em diferentes contextos, corroborando com diversos pesquisadores da área da educação e, sobretudo com políticas públicas que sejam capazes de suscitar discussões pertinentes acerca destas preposições.

Ainda, neste contexto, o segundo volume do e-book reuniu 29 artigos que, constituiu-se pela similaridade da temática pesquisa nos assuntos relacionados à: avaliação, diferentes perspectivas no processo de ensino e aprendizagem e as Tecnologias Educacionais. Pautadas em investigações acadêmicas que, por certo, oportunizará aos leitores um repensar e/ou uma amplitude acerca das problemáticas estudadas.

No terceiro volume, categorizou-se em 25 artigos pautados na: Arte, no relato de experiências e no estágio supervisionado, na perspectiva dialética, com novas problematizações e rupturas paradigmáticas resultante da heterogeneidade do perfil acadêmico e profissional dos autores advindas das temáticas diversas.

Aos autores dos diversos capítulos, cumprimentamos pela dedicação e esforço sem limites. Cada qual no seu contexto e pautados em diferentes prospecções viabilizaram e oportunizaram nesta obra, a possibilidade de ampliar os nossos conhecimentos e os diversos processos pedagógicos (algumas ainda em transição), além de analisar e refletir sobre inúmeras discussões acadêmicas conhecendo diversos relatos de experiências, os quais, pela soma de esforços, devem reverberar no interior das organizações educacionais e no exercício da constante necessidade de pensar o processo de ensino e aprendizagem como unidade dialética.

Cordiais saudações e meus sinceros agradecimentos.

Kelly Cristina Campones

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
“HANSEI”: UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA JAPONESA E SUAS POSSÍVEIS APLICAÇÕES NAS ESCOLAS BRASILEIRAS	
<i>Ana Luísa da Costa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8181915071	
CAPÍTULO 2	8
A BUSCA POR RECONHECIMENTO COMO MOTIVAÇÃO PARA DESENVOLVIMENTO DO CURRÍCULO	
<i>Mauro Sérgio da Silva</i>	
<i>Flávia Dias Coelho da Silva</i>	
<i>Izabella Gonçalves Bocayuva</i>	
<i>Lucas Evangelista Rangel</i>	
<i>Lucas Miranda</i>	
<i>Marcelo Visintini</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8181915072	
CAPÍTULO 3	20
A DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR NO CONTEXTO NEOLIBERAL: CONTRIBUIÇÕES DA DIDÁTICA DE PERSPECTIVA CONTRA-HEGEMÔNICA	
<i>Lenilda Rêgo Albuquerque de Faria</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8181915073	
CAPÍTULO 4	32
A FORMAÇÃO DOCENTE E A EDUCAÇÃO A PESSOAS COM NECESSIDADES ESPECÍFICAS NO IF SERTÃO-PE <i>CAMPUS</i> SALGUEIRO	
<i>Gercivania Gomes da Silva</i>	
<i>Carlos Wendel Gomes da Silva</i>	
<i>Sandra Regina da Silva Galvão</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8181915074	
CAPÍTULO 5	38
A FORMAÇÃO DOCENTE: CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL E DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS	
<i>Katia Fraitag</i>	
<i>Miguel Julio Zadoreski Junior</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8181915075	
CAPÍTULO 6	43
A FORMAÇÃO DOS PEDAGOGOS PARA O ENSINO DE MATEMÁTICA NO MÉTODO DO IAB NO MUNICÍPIO DE BOA VISTA-RR	
<i>Kátia Maria Abreu da Silva</i>	
<i>Janaene Leandro de Sousa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8181915076	

CAPÍTULO 7	50
A FORMULAÇÃO DE TAREFAS PARA PROMOVER O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DO PROFESSOR QUE ENSINA MATEMÁTICA	
<i>Cristina Meyer</i>	
<i>Mariana Maria Rodrigues Aiub</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8181915077	
CAPÍTULO 8	61
A PRÁTICA COMO COMPONENTE CURRICULAR E A POSSIBILIDADE DE CONSTRUÇÃO DOS SABERES DOCENTES	
<i>Francisca de Lourdes dos Santos Leal</i>	
<i>Vilmar Aires dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8181915078	
CAPÍTULO 9	73
REFLEXOS DA REFORMA EDUCACIONAL DOS ANOS 1990 NA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ESTADO DO ACRE	
<i>Hildo Cezar Freire Montysuma</i>	
<i>Rosalu Ribeiro Barra Feital Nogueira</i>	
<i>Emilly Ganum Areal</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8181915079	
CAPÍTULO 10	107
ALGUMAS DISCUSSÕES SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE EM MATEMÁTICA E A HISTÓRIA DA DIDÁTICA NAS LICENCIATURAS EM MATEMÁTICA DA BAHIA (1940-1960)	
<i>Januária Araújo Bertani</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150710	
CAPÍTULO 11	118
APONTAMENTOS SOBRE A ATIVIDADE DE MONITORIA DA DISCIPLINA DE QUÍMICA GERAL PARA ALUNOS DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS	
<i>Luciana Silva Rocha Contim</i>	
<i>Luis Antônio Serrão Contim</i>	
<i>João Pedro Carmo Filgueiras</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150711	
CAPÍTULO 12	123
APRENDIZADO, MOTIVAÇÃO E DIVERSÃO: JOGOS COMO ESTRATÉGIA PARA O ENSINO DE BIOLOGIA CELULAR	
<i>Laís Corrêa Lima</i>	
<i>Agatha Santos de Jesus</i>	
<i>Angélica Ferreira Carreiro</i>	
<i>Ingrid da Silva Rola</i>	
<i>Karolainy Teixeira da Conceição</i>	
<i>Maik da Silva de Souza</i>	
<i>Rafaela Nunes Santos</i>	
<i>Yasmim de Oliveira Paula</i>	
<i>Yhasmim Hellen Viana Scandian</i>	
<i>Marina Sousa Manoel Damasceno</i>	
<i>Karina Mancini</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150712	

CAPÍTULO 13	135
AS DCN E A FORMAÇÃO DOCENTE: UMA ANÁLISE DA LEGISLAÇÃO E OS DESAFIOS NA IMPLEMENTAÇÃO DOS CURRÍCULOS DOS CURSOS DE LICENCIATURA DA UFPI	
<i>Mirtes Gonçalves Honório</i> <i>Teresa Christina Torres Silva Honório</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150713	
CAPÍTULO 14	146
AS IMPLICAÇÕES DAS DCN NA ESTRUTURAÇÃO DOS CURRÍCULOS DOS CURSOS DE LICENCIATURA NA UFPI	
<i>Josania Lima Portela Carvalhêdo</i> <i>Maria do Socorro Leal Lopes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150714	
CAPÍTULO 15	158
CARTOGRAFIAS LITERÁRIAS E PRÁTICAS DE LEITURA NA ESCOLA BÁSICA	
<i>Fabíola de Fátima Igreja</i> <i>Gilma Gimarães Lisboa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150715	
CAPÍTULO 16	171
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO: PERSPECTIVAS PARA O TRABALHO COM TEXTOS OPINATIVOS	
<i>Rodrigo Leite da Silva</i> <i>Fabiana Meireles de Oliveira</i> <i>João Paulo Buranelli Mantoan</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150716	
CAPÍTULO 17	180
EXPECTATIVAS PROFISSIONAIS E CONCEPÇÕES DE PEDAGOGIA NA FORMAÇÃO INICIAL DE PEDAGOGOS: O QUE DIZEM OS ESTUDANTES DO CSHNB/UFPI?	
<i>Luciana Silva Dias</i> <i>José Leonardo Rolim de Lima Severo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150717	
CAPÍTULO 18	186
ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA FAVORÁVEL À FORMAÇÃO INTERDISCIPLINAR: UM ESTUDO DE CASO	
<i>Emmanuel Paiva de Andrade</i> <i>Jasmin Lemke</i> <i>Neide Lucia de Oliveira Almeida</i> <i>Maria Augusta de Castro Seixas</i> <i>Elisabeth Flavia Roberta Oliveira da Motta</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150718	

CAPÍTULO 19	198
FILOSOFIA UBUNTU COMO PRÁTICA POLÍTICO-PEDAGÓGICA DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE NEGRA E CONSCIÊNCIA AFRO-DIASPÓRICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
<i>Isis Natureza Oliveira da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150719	
CAPÍTULO 20	203
FORMAÇÃO DE PROFESSORES: A PESQUISA-AÇÃO COMO ESTRATÉGIA DIDÁTICO-METODOLÓGICA DE INVESTIGAÇÃO	
<i>José Álbio Moreira de Sales</i>	
<i>Tânia Maria de Sousa França</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150720	
CAPÍTULO 21	215
FORMAÇÃO E A DOCÊNCIA À LUZ DA TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	
<i>Elda Silva do Nascimento Melo</i>	
<i>Antonia Maira Emelly Cabral da Silva Vieira</i>	
<i>Camila Rodrigues dos Santos</i>	
<i>Erivania Melo de Moraes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150721	
CAPÍTULO 22	234
FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES QUE ENSINAM MATEMÁTICA: ALGUMAS REFLEXÕES	
<i>Cíntia Fogliatto Kronbauer</i>	
<i>Anemari Roesler Luersen Vieira Lopes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150722	
CAPÍTULO 23	245
MERLÍ E OS SABERES DA DOCÊNCIA	
<i>Vera Maria Luz Spínola</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150723	
CAPÍTULO 24	256
MOTIVAÇÃO DE ESCOLARES PORTUGUESES DO TERCEIRO CICLO DO ENSINO BÁSICO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA	
<i>Fábio Brum</i>	
<i>Ellen Aniszewski</i>	
<i>José Henrique dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150724	
CAPÍTULO 25	267
NÚCLEOS DE PESQUISA NA ESCOLA: POSSIBILIDADES DE MUDANÇAS DIDÁTICAS E PRÁTICAS DE ENSINO DOS PROFESSORES*	
<i>Jaqueline Ritter</i>	
<i>Andreia Rosa de Avila de Vasconcelos</i>	
<i>Andréa Borges Umpierre</i>	
<i>Francieli Chibiaque</i>	
<i>Otávio Aloisio Maldaner</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150725	

CAPÍTULO 26	285
O APRENDER-ENSINAR DA LEITURA: TRAVESSIAS POR VIR	
<i>Gilcilene Dias da Costa</i>	
<i>Jessé Pinto Campos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150726	
CAPÍTULO 27	297
O ENSINO POR INVESTIGAÇÃO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS: UMA REVISÃO A PARTIR DOS ANAIS DO ENPEC	
<i>Jéssica Cremonini Caprini</i>	
<i>Mariana Donateli Gatti</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150727	
CAPÍTULO 28	302
O INÍCIO DA DIDÁTICA NO CURSO DE MATEMÁTICA NA BAHIA (1940-1960)	
<i>Januária Araújo Bertani</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150728	
CAPÍTULO 29	313
O SABER DOCENTE E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES PEDAGOGOS PARA O ENSINO DA MATEMÁTICA	
<i>Lílian Pereira Guedes</i>	
<i>Jorge Costa do Nascimento</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150729	
CAPÍTULO 30	321
OS ARTÍFICES DA FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA: O CONHECIMENTO TEÓRICO/PRÁTICO DESENVOLVIDO NO CURSO DE PEDAGOGIA/PARFOR	
<i>Lui Nörnberg</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150730	
CAPÍTULO 31	332
OS IMPACTOS DAS NOVAS POLÍTICAS CURRICULARES NA DIDÁTICA E PROFISSIONALIDADE DE PROFESSORAS INICIANTES	
<i>Joelson de Sousa Moraes</i>	
<i>Franç-Lane Sousa Carvalho do Nascimento</i>	
<i>Nadja Regina Sousa Magalhães</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150731	
CAPÍTULO 32	344
OS SABERES DA EXPERIÊNCIA COMO PRINCÍPIO DA PRÁTICA DOCENTE	
<i>Lourdes Cavalcante Couto de Melo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150732	
CAPÍTULO 33	350
PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES DA FORMAÇÃO INICIAL ÀS SUAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS	
<i>Claudia Martins de Souza</i>	
<i>Rosângela Gasparim</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150733	

CAPÍTULO 34	356
PLANEJAMENTO COLETIVO: UMA EXPERIÊNCIA FORMATIVA NA DISCIPLINA DE DIDÁTICA	
<i>Tânia Maria de Sousa França</i>	
<i>Nancy Mireya Sierra Ramirez</i>	
<i>Joilson Silva de Sousa</i>	
<i>Ana Cristina de Souza Lima</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150734	
CAPÍTULO 35	367
POLÍTICAS, ENSINO DAS CIÊNCIAS E INICIAÇÃO CIENTÍFICA NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES: CONTEXTOS, DIÁLOGOS E REFLEXÕES	
<i>Simone Souza Silva</i>	
<i>Arminda Rachel Botelho Mourão</i>	
<i>Francisca Keila de Freitas Amoedo</i>	
<i>Mateus de Souza Coelho Filho</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150735	
CAPÍTULO 36	369
PRÁTICA PEDAGÓGICA: CONCEPÇÃO DE PROFESSORES DE UMA INSTITUIÇÃO EDUCATIVA DA COLÔMBIA –CO	
<i>Rosenilda Rocha Bueno</i>	
<i>Adelmo Carvalho da Silva</i>	
<i>Oscar Orlando Hoyos Gaviria</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150736	
CAPÍTULO 37	380
PRÁTICA PEDAGÓGICA: EDUCANDO DE FORMA LUDICA POR MEIO DE ALIMENTOS NA COMUNIDADE QUILOMBOLA	
<i>Cristiano de Assis Silva</i>	
<i>Carlos Luis Pereira</i>	
<i>Ângela Maria dos Santos Florentino</i>	
<i>Cristiane de Assis Ribeiro da Silva</i>	
<i>Kristielly Pereira de Assis Ribeiro da Silva</i>	
<i>Dirlan de Oliveira Machado Bravo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150737	
CAPÍTULO 38	389
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS BEM SUCEDIDAS NO ENSINO MÉDIO	
<i>Silvana Soares de Araujo Mesquita</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150738	
CAPÍTULO 39	399
PROFESSORES DE DIDÁTICA E SEUS ESTUDANTES: OS ARTÍFICES DA FORMAÇÃO	
<i>Maria Janine Dalpiaz Reschke</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150739	

CAPÍTULO 40	410
QUANDO A PRÁTICA SE TORNA COMPONENTE CURRICULAR DOS PPPS DE LETRAS	
<i>Núbio Delanne Ferraz Mafra</i>	
<i>Vladimir Moreira</i>	
<i>Marcelo Cristiano Acri</i>	
<i>Beatriz do Prado Ferreira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150740	
CAPÍTULO 41	417
SABERES EM INTERAÇÃO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: A UNIVERSIDADE EM CONEXÃO COM JOVENS DO ENSINO MÉDIO	
<i>Rosilda Arruda Ferreira</i>	
<i>Luiza Olívia Lacerda Ramos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150741	
CAPÍTULO 42	427
TESSITURAS PEDAGÓGICAS PARA A EDUCAÇÃO BILINGUE: CAMINHOS PARA A ACESSIBILIDADE DOS SURDOS	
<i>Eliana da Silva Neiva Brito</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150742	
SOBRE A ORGANIZADORA	436

APRENDIZADO, MOTIVAÇÃO E DIVERSÃO: JOGOS COMO ESTRATÉGIA PARA O ENSINO DE BIOLOGIA CELULAR

Laís Corrêa Lima

Universidade Federal do Espírito Santo
(CEUNES/UFES)
São Mateus – ES

Agatha Santos de Jesus

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio
Santo Antônio
São Mateus – ES

Angélica Ferreira Carreiro

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio
Santo Antônio
São Mateus – ES

Ingrid da Silva Rola

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio
Santo Antônio
São Mateus – ES

Karolainy Teixeira da Conceição

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio
Santo Antônio
São Mateus – ES

Maik da Silva de Souza

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio
Santo Antônio
São Mateus – ES

Rafaela Nunes Santos

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio
Santo Antônio
São Mateus – ES

Yasmim de Oliveira Paula

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio
Santo Antônio
São Mateus – ES

Yhasmim Hellen Viana Scandian

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio
Santo Antônio
São Mateus – ES

Marina Sousa Manoel Damasceno

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio
Santo Antônio
São Mateus – ES

Karina Mancini

Departamento de Ciências Agrárias e Biológicas
(DCAB)
Universidade Federal do Espírito Santo
(CEUNES/UFES),
São Mateus – ES

RESUMO: Para um ideal entendimento sobre as células, sua organização e funcionamento, em geral faz-se necessário um laboratório de Biologia equipado com microscópios, porém, a realidade da maioria das escolas públicas de ensino básico é a ausência de espaço e equipamentos. Com isso, os professores se limitam a aulas expositivas conteudistas e pouco dinâmicas. Uma parceria entre a Universidade, Agência de fomento e Escola Pública partiu para a construção de jogos em Biologia Celular. A equipe foi composta por uma docente da universidade, duas monitoras alunas do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, dez alunos do 8º ano e uma professora regente de Biologia. O projeto teve duração de um ano e iniciou com um alinhamento teórico

(aulas interativas, mapas conceituais, vídeo aulas, jogos, modelos didáticos e atividades laboratoriais) para posterior elaboração de jogos. Foram construídos sete jogos (*Montando as Células, Amarelinha Celular, Quem sou eu, Baralho Celular, Memória, Tabuleiro da célula e Perguntados*). Todos os jogos foram idealizados, montados, testados e aprimorados pelos alunos, sob supervisão das monitoras, e ainda aplicados em turmas da escola. O aprendizado foi divertido, espontâneo, ativo, efetivo e caminhou juntamente com a motivação. Além do crescimento intelectual, os envolvidos desenvolveram diversas habilidades e competências essenciais para o sucesso pessoal, social e profissional, como trabalho em equipe, liderança e postura na escola e sala de aula.

PALAVRAS CHAVE: Ludicidade, Células, Ensino Fundamental, Parceria

ABSTRACT: For an ideal understanding of cells, their organization and functioning, a Biology lab equipped with microscopes is usually necessary, but the reality of most public elementary schools is the absence of these space and equipment. Thus, teachers are limited to expositive classes, with hard content and little dynamism. A partnership between University, Development Agency and Public School aimed to build games in Cell Biology. The team was composed of a university professor, two monitors of the Biological Sciences Degree Course, ten students of the 8th year and a professor of Biology. The project lasted one year and started with a theoretical alignment (interactive classes, conceptual maps, video lessons, games, didactic models and lab activities) for later elaboration of games. Seven games were built (*Montando as Células, Amarelinha Celular, Quem sou eu, Baralho Celular, Memória, Tabuleiro da célula e Perguntados*). All games were idealized, assembled, tested and improved by the students, supervised by the monitors, and still applied in school classes. The learning was fun, spontaneous, active, effective and motivator. In addition to intellectual growth, those involved have developed a variety of skills and competencies essential to personal, social and professional success, such as teamwork, leadership, and posture in the school and classroom.

KEYWORDS: Ludicidad, Cells, Elementary School, Partnership

1 | INTRODUÇÃO

Biologia é uma ciência que estuda o modo de vida, evolução, reprodução, comportamento de todos os seres vivos e o ambiente em que habitam, desde a sua organização mais ampla àquela que os formam: as células. A Biologia Celular (ou Citologia) é o ramo que se dedica a estudar a função, morfologia e organização dessa unidade estrutural. Seu conteúdo apresenta grande relevância tanto no ensino básico quanto no superior (OLIVEIRA et al., 2015) e, por se tratar de estruturas microscópicas e trazer em sua grade conceitos complexos, torna-se uma disciplina que apresenta alta dificuldade de aprendizagem. Como salienta PENHALVER (2014, pág. 2):

A célula é a unidade básica da vida, um conceito comum para pessoas que já estão familiarizadas com as ciências biológicas e conceitos científicos. Esses conceitos envolvem muitas concepções, por vezes bastante abstratas. A concepção que os alunos possuem sobre a citologia, provém até então do contato que tiveram com o assunto, fora do âmbito escolar.

Para um ideal ensino e entendimento sobre as células, faz-se necessário o uso de um laboratório de Ciências/Biologia equipado com microscópios, porém, a realidade da maioria das escolas públicas de ensino básico é de não possuir esse espaço e muito menos esse recurso, que, quando existente, se encontra em más condições ou inutilizado por falta de profissionais capacitados para o manuseio. Dessa forma, os professores se limitam a aulas expositivas e livros, tornando o momento de aprendizado pouco dinâmico, prevalecendo o modelo tradicional de ensino onde o professor é detentor do conhecimento e o aluno um agente passivo (KRASILCHICK, 2008).

Diante dessa problemática, é de extrema importância que o professor busque novas alternativas didáticas que auxiliem no processo de ensino e aprendizagem, por isso, se faz necessário a criação de mecanismos que aproximem o aluno do conteúdo estudado, ampliando sua visão sobre o assunto e seu conhecimento (MANZKE, 2013). Segundo Matos e colaboradores (2009), o uso de metodologias alternativas deve ser estimulado para o ensino, promovendo a integração entre conteúdo e atividades práticas, fazendo do aluno agente no processo de ensino e aprendizagem, além de estimular trabalho em equipe e criatividade.

Uma ferramenta metodológica bastante eficiente são os jogos. De acordo com Kishimoto (1996), o jogo é um importante aliado no desenvolvimento social e afetivo, das funções sensório-motoras e da percepção de regras pelos alunos.

Para Franklin e colaboradores (2003), nos jogos, os estudantes são participantes ativos ao invés de observadores passivos, tomando decisões, resolvendo problemas e reagindo aos resultados dessas decisões. Um jogo educativo deve necessariamente desenvolver habilidades cognitivas importantes para o processo de aprendizagem e ainda ser planejado e elaborado com conteúdos específicos (ZANON et al., 2008).

Em uma atividade lúdica, o que mais importa é o momento da ação que possibilita instantes de fantasia e realidade, ressignificação e percepção, autoconhecimento e conhecimento do colega, de cuidar de si e olhar para o outro (ALMEIDA, 2006). Apesar das inúmeras vantagens do uso de jogos no âmbito escolar, ainda é muito tímida a influência desses estudos na prática pedagógica (SANTOS, 1997).

Com o intuito de auxiliar no ensino de Biologia Celular, foi feita uma parceria entre a Universidade Federal do Espírito Santo, Campus São Mateus, a Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (PICJr/FAPES) que financiou o projeto “Produção de Materiais Didáticos para o Ensino de Células e Tecidos” do Programa de Iniciação Científica Júnior da e a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Santo Antônio, também na cidade de São Mateus/ES. O principal objetivo

dessa parceria foi a construção de jogos sobre o conteúdo de Biologia Celular por dez alunos do 8º ano do ensino fundamental, bolsistas do projeto PICJr.

2 | PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Todo o trabalho foi desenvolvido na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Santo Antonio, no município de São Mateus, Norte do Estado do Espírito Santo. Dez alunos do 8º ano bolsistas no Projeto “Produção de Materiais Didáticos para o Ensino de Células e Tecidos” foram supervisionados por uma professora de Ciências da escola e duas alunas bolsistas do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Espírito Santo, Campus São Mateus durante todo o ano de 2017.

Na primeira etapa do trabalho, para que houvesse coerência nos materiais didáticos produzidos em relação aos conteúdos e conceitos em Biologia Celular, foi realizado um alinhamento teórico com os alunos. Estes tiveram aulas dinâmicas, interativas, com uso de mapas conceituais, vídeo aulas, simples jogos produzidos pelas licenciandas, modelos didáticos tridimensionais de células e organelas, cedidos pela universidade, e ainda atividades práticas no laboratório de microscopia da mesma universidade.

Após o alinhamento teórico, deu-se início segunda etapa, com a elaboração dos jogos. A escolha dos tipos de jogos a serem produzidos foi totalmente conduzida pelos alunos bolsistas da escola. Primeiramente, eles decidiram o tipo de jogo, ou seja, com cartas, tabuleiro, fichas, montagem.

Na sequência, os alunos escolheram como seria montado cada jogo e quais os materiais seriam necessários para a confecção. A ideia foi de durabilidade, resistência, materiais de baixo custo e fácil armazenamento. As construções dos jogos foram realizadas coletivamente, de modo que cada novo jogo só era produzido quando o anterior havia sido finalizado. Para essa etapa de criação, foi necessária a elaboração de perguntas, fichas, cartas, desenhos, seleção de imagens e todo o tipo de conteúdo a ser explorado por cada jogo. Essa etapa de criação foi a mais longa de todo o projeto.

A próxima etapa foi de testes com os jogos entre os membros da equipe, aproveitando para fazer os ajustes necessários para que cada partida fosse possível de ser concluída e que o manuseio fosse adequado.

A última etapa do trabalho foi a aplicação dos jogos em diferentes turmas da escola.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram planejados e confeccionados sete jogos didáticos em Biologia Celular. A

seguir, estão descritos os jogos produzidos:

Montando as células (Figura 1): Células procariontes e eucarionte animal e vegetal montadas em EVA, organelas recortadas em EVA. Tanto nas células quanto nas organelas há imãs para montagem. O objetivo é a construção dos três tipos celulares básicos com suas organelas específicas.



Figura 1: Jogo *Montando as Células*, composto por células e organelas em EVA e imãs.

Amarelinha celular (Figura 2): Tapete de 3 metros em EVA preto e feltros coloridos representando as casas do jogo. Cartões em cartolina branca com perguntas impressas e verso desenhado. Esses cartões foram protegidos com folha adesiva transparente. Assim como na brincadeira original, cada jogador, na sua vez, joga uma pedra no número da amarelinha. Após pular, o participante responde uma pergunta: se acertar, na próxima rodada poderá jogar a pedra no próximo número, se errar, permanece no mesmo número. O jogo termina quando o primeiro jogador, ou equipe, chegar ao 'céu'. Esse foi o maior jogo produzido pois havia a necessidade de construção de um longo tapete que comportasse que os alunos pulassem entre as casas. Para tornar a brincadeira mais dinâmica, foram construídos dois tapetes idênticos, permitindo a participação de duas equipes que podiam competir entre si.



Figura 2 Jogo *Amarelinha celular*, composto por dois tapetes de 3m e fichas com perguntas.

Quem sou eu (Figura 3): Fitas preta de cetim com um pedaço de velcro e cartões com ilustrações de organelas, também com um pedaço de velcro. Esses cartões foram protegidos por folha adesiva transparente. Assim como no jogo original, cada jogador coloca uma faixa (fita de cetim) amarrada na testa com um cartão grudado. Com perguntas (e resposta do tipo sim/não) a pessoa deve tentar descobrir qual organela representa. O jogo acaba quando todos os participantes descobrem suas organelas.



Figura 3: Jogo *Quem sou eu*, composto por cartões com imagens de organelas, estruturas e células e fitas de cetim.

Baralho celular (Figura 4): Cartas em papel cartão com perguntas e respostas impressas e verso desenhado. Cada carta foi protegida com folha adesiva transparente. Cada participante inicia o jogo com sete cartas e se houver perguntas/respostas correspondentes elimina essas cartas da mão. A cada rodada, um jogador descarta uma carta que deve ser completada com seu par por algum jogador. Ganha o jogo quem tiver mais pares de perguntas/respostas.



Figura 4: Jogo *Baralho Celular*, composto por pares de cartas com perguntas e respostas.

Jogo da memória (Figura 5): Cartas em EVA e papel cartão com imagens de organelas, curiosidades e características e verso escrito a mão. Cada carta foi protegida com folha adesiva transparente. Assim como no jogo original, as cartas são viradas com as informações para baixo e cada jogador, em sua rodada, escolhe duas cartas. Ganha o jogador que formar o maior número de pares.



Figura 5: *Jogo da Memória*, composto por pares de cartas com perguntas e respostas.

Tabuleiro da célula (Figura 6): Material: Tabuleiro de feltro preto e casas coloridas, cartões com perguntas e ações em 4 cores diferentes, dado e peões em biscuit. Cada cartão foi protegido com folha adesiva transparente. O jogo tem como objetivo chegar primeiro ao final do tabuleiro respondendo perguntas em cada casa do tabuleiro.



Figura 6: *Jogo Tabuleiro da Célula*, composto por tabuleiro com casas coloridas, fichas e peças.

Perguntados (Figura 7): Material: Fichas em cartolina com perguntas impressas e verso escrito a mão divididas em quatro categorias (Fotossíntese, Respiração Celular, Divisão Celular e Síntese Proteica), coroas em EVA preto com gliter e velcro, estrelas em EVA dourado e velcro e pequenas fichas para soteio das categorias. Cada ficha foi plastificada. Cada jogador, ou grupo de jogadores, ganha uma coroa. Os jogadores sorteiam a categoria utilizando as fichas pequenas e o participante responde uma pergunta da categoria selecionada. Caso o jogador responda corretamente, ganha uma estrela para sua coroa, caso contrário, passa a vez para o próximo participante. Ganha o jogo o participante, ou grupo, que preencher primeiro a coroa com as estrelas.



Figura 7: *Jogo perguntados*, composto por fichas de perguntas, coroas e estrelas em EVA.

Todas as ideias dos jogos surgiram de outros já existentes. Neste sentido, os alunos não foram capazes de criar novos jogos com regras próprias. Entretanto, mesmo já existentes, foram totalmente adaptados para o objetivo e conteúdo do projeto. Apesar de não terem sido jogos inovadores, o efeito provocado no aprendizado dos alunos foi positivo, tendo contribuído com o desenvolvimento de habilidades manuais, sociais e intelectuais.

Rizzo Pinto (1997) defende que a ludicidade é um poderoso instrumento metodológico significativo no ensino de Ciências e Biologia e não há aprendizagem sem atividade intelectual e sem prazer. A motivação através da ludicidade é uma boa estratégia para que a aprendizagem ocorra de forma efetiva e no presente trabalho essa motivação foi percebida claramente à medida que os jogos iam saindo do plano das ideias para a construção concreta.

Baseando-se em jogos que os próprios alunos estão acostumados a brincar, eles foram capazes de ressignificar tanto a brincadeira quanto os conceitos de Biologia Celular sempre orientados pelas licenciandas e professora. De acordo com Vygotsky (1989, p. 130):

[...] a brincadeira cria para as crianças uma zona de desenvolvimento proximal que não é a outra coisa senão a distância entre o nível atual de desenvolvimento, determinado pela capacidade de resolver independentemente um problema, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de um problema, sob a orientação de um adulto ou um companheiro mais capaz.

Os alunos pesquisaram todas as imagens usadas nos jogos e elaboraram todas as perguntas e respostas. Um detalhe é que as imagens se repetem entre os diferentes jogos, o que permitiu a construção de um mesmo conceito porém de formas diversas.

Para alguns jogos, à medida que iam sendo produzidos e testados, apareciam alternativas para melhoria. Isso mostra amadurecimento da equipe na autoavaliação. O jogo da *Amarelinha*, por exemplo, foi de difícil confecção, armazenamento e transporte. Uma sugestão seria a impressão de um pôster/banner com a imagem de uma amarelinha. Essa sugestão, apesar de pensada não foi executada, pois a intenção do projeto era que os alunos construíssem o máximo de material possível, envolvendo-se plenamente com a produção. Fortuna (2003) afirma que enquanto joga, o aluno desenvolve a iniciativa, a imaginação, o raciocínio, a memória, a atenção, a curiosidade e o interesse, concentrando-se por longo tempo em uma atividade. No presente trabalho, o envolvimento dos alunos foi desde a idealização, passando pela construção para enfim jogar o que acentua ainda mais as habilidades citadas pelo autor.

Para proteção das cartas, cartões e fichas foi usada folha adesiva transparente. Apesar de ser uma tarefa de muita paciência que não agradou muito os alunos, novamente os envolveu na construção dos jogos. No último jogo produzido, *Perguntados*, a ideia foi plastificar em uma gráfica visto que algumas cartas, cartões

e fichas já elaborados estavam apresentando problemas com a aderência da folha transparente.

A cooperação, o envolvimento com o projeto de Iniciação Científica Junior e a satisfação em ver os materiais ganharem forma foram momentos de motivação para o grupo. A absorção do conhecimento do conteúdo de Biologia Celular aconteceu de uma forma espontânea, divertida e alcançada pelos próprios alunos. Testar os jogos confeccionados também foi uma fase muito prazerosa, eles se dividiram em grupos e brincaram com os jogos. Existia uma ansiedade entre os alunos para jogar todos o material produzido, testar e melhorar regras e confecções. Quando questionados, disseram que os materiais lúdicos produzidos certamente auxiliarão os colegas estudantes a entender o conteúdo em sala de aula.

Mas o crescimento não aconteceu apenas intelectualmente. Ao produzir os jogos eles desenvolveram o trabalho em equipe, liderança, o modo como se posicionam na escola e na sala de aula, aprenderam a ter equilíbrio e retificar suas falhas, o que contribui para a construção da personalidade de cada um, além do crescimento social e pessoal que tiveram. Esse resultado vai muito além da própria Biologia Celular. Em uma ocasião, a professora regente, e integrante da equipe, precisou de ausentar da sala em uma aula de zoologia. Quando retornou, o quadro havia sido transformado em um grande mapa conceitual dos seres vivos organizado pelos alunos do projeto.

A utilização da ludicidade em aulas tem sido observada por educadores como uma ferramenta motivadora no aprendizado do aluno, na tentativa de desenvolver uma aprendizagem significativa, onde o aluno constrói, junto com o professor, o conhecimento (AUSUBEL, 1982). Como reforça PEDROSO (2009):

As atividades lúdicas, como as brincadeiras, os brinquedos e os jogos, são reconhecidas pela sociedade como meio de fornecer ao indivíduo um ambiente agradável, motivador, prazeroso, planejado e enriquecido, que possibilita a aprendizagem de várias habilidades. Outra importante vantagem, no uso de atividades lúdicas, é a tendência em motivar o aluno a participar espontaneamente na aula. Acrescenta-se a isso, o auxílio do caráter lúdico no desenvolvimento da cooperação, da socialização e das relações afetivas e, a possibilidade de utilizar jogos didáticos, de modo a auxiliar os alunos na construção do conhecimento em qualquer área.

Todo o desenvolvimento e cuidado aqui relatados para atingir aprendizagem e motivação os alunos também se estende para as monitoras licenciandas e professora. Para as primeiras, houve a oportunidade do contato intenso com os alunos do ensino médio e da construção coletiva do conhecimento através de momentos de alegria, discussão, euforia, frustração, tédio e satisfação. Para a professora, houve a oportunidade de vivenciar um método para inovar sua docência e acompanhar as mudanças dos alunos que agora se destacam na turma pelo brilho com que encaram a sala de aula.

Através dessa parceria escola/universidade, alunos, professor e licenciandas

participantes do projeto tiveram a oportunidade de produzir jogos que ficarão à disposição na escola.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para as escolas carentes de recursos e com alunos desmotivados, a produção de jogos com materiais de fácil aquisição é uma alternativa possível, que além de estimular a criatividade dos alunos, permite a formação de um banco de materiais didáticos lúdicos acessível para alunos e professores. Além disso, tal produção pode se dar de maneira interdisciplinar, envolvendo além de Ciências/Biologia, também Artes (trabalhos manuais), Educação Física (jogos de movimento), Português (elaboração dos manuais) e Matemática/Geometria (planejamento da diagramação de tabuleiro, cartas). É uma atividade de benefício coletivo onde, a aprendizagem do aluno é o impulso para que a ação aconteça.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. **Ludicidade como instrumento pedagógico**. 2006. Em <http://cdof.com.br/recrea22.htm>.

AUSUBEL, D.P. **A aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel**. São Paulo: Moraes, 1982.

FORTUNA, T.R. **Jogo em aula**. Revista do Professor (19): 75, p.15-19,2003.

FRANKLIN, S.; PEAT M.; LEWIS A. **Non-traditional interventions to stimulate on: the use of games and puzzles**. J. Biological Educ., 37 (2): 79-84, 2003.

KISHIMOTO, T.M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 1996.

KRASILCHIK, M. **Prática de ensino de biologia**. 6ª ed. São Paulo: Edusp, 2008.

MANZKE, G.R. **Percepção das diferentes estruturas celulares por alunos egressos do Ensino Fundamental**. VI Encontro Regional do Sul de Ensino de Biologia e XVI Semana Acadêmica de Ciências Biológicas. Santo Ângelo. 2013.

OLIVEIRA, D.B.; PIANCA, B.R.; SANTOS, E.R. MANCINI, K.C. **Modelos e atividades dinâmicas como facilitadores para o ensino de biologia**. Enciclopédia Biosfera, Goiânia, v.11, n.20, p.514-524, 2015.

PEDROSO, C. **Jogos didáticos no ensino de biologia: uma proposta metodológica baseada em módulo didático**. Santa Maria, 2009

PENHALVER, N.G.; LAGANÁ, H. **Abstração e escala no ensino de citologia**. Revista daSBEnBio n. 7, 2014.

RIZZO, J.P. **Corpo, movimento e educação – o desafio da criança e adolescente deficientes sociais**. Rio de Janeiro: Sprint, 1997.

SANTOS, S.M.P. **O lúdico na formação do educador**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

ZANON, D.A.V.; GUERREIRO, M.A.S.; OLIVEIRA, R.C. **Jogo didático ludo químico para o ensino de nomenclatura dos compostos orgânicos: projeto, produção, aplicação e avaliação**. Ciências & Cognição, 13(1), 72-81, 2008.

SOBRE A ORGANIZADORA

Kelly Cristina Campones - Mestre em Educação (2012) pela Universidade Estadual de Ponta Grossa , na linha de pesquisa História e Políticas Educacionais. É professora especialista em Gestão Escolar, pela Universidade Internacional de Curitiba (2005). Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2004) diplomada para Administração, Direção e Supervisão Escolar . Membro do GEPTADO- Grupo de Pesquisa sobre o trabalho docente na UEPG. Tem experiência como docente e coordenadora na: Educação Infantil, Ensino Fundamental, Médio, graduação e pós-graduação. Atualmente é professora adjunta na Faculdade Sagrada Família com disciplinas no curso de Licenciatura em Pedagogia. Tem ampla experiência na área educacional atuando nas seguintes vertentes: educação infantil, processo de ensino aprendizagem; gestão; desenvolvimento e acompanhamento de projetos ; tecnologias educacionais; entre outros.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-481-8

